

PSDB procura candidato

O PSDB começou a montar sua estratégia para permanecer à frente do Palácio do Planalto a partir de janeiro de 2003. O nome do candidato à sucessão de Fernando Henrique Cardoso será definido apenas em meados do próximo ano. Mas até lá, seus partidários pretendem ampliar seu espaço no Congresso e eleger, em fevereiro do próximo ano, o presidente da Câmara dos Deputados, o que lhes garantirá maior prestígio político e o controle das ações legislativas nos dois últimos anos de mandato de Fernando Henrique.

O perfil do candidato do PSDB prevê a incorporação do novo discurso da campanha - a tônica será a retomada do crescimento econômico, impulsionada pela estabilidade do Real, que elegeu e reelegeu o presidente Fernando Henrique. Os dirigentes do PSDB são unânimes, desde logo, na defesa desse discurso como principal condição para atacar os alarmantes índices de desigualdades

sociais. Sabem que, se não emplacarem o sucessor de Fernando Henrique Cardoso, o partido poderá esgotar-se com o atual governo, em 2002. Por isso, a estratégia para se manter no poder já está em curso e mobilizando seus dirigentes.

Muitos tucanos acham que o PSDB sempre aceitou tudo calado e apoiou cegamente o governo, como se fosse sua obrigação. Mas já foi recompensado. Depois de admitir, sucessivas vezes, os "sacrifícios" impostos ao partido, Fernando Henrique resolveu mudar o jogo. Ao assumir o segundo mandato, deu ao PSDB o controle da coordenação política do governo, com a nomeação de ministros e líderes no Congresso Nacional. O gesto se refletiu na redução das dissidências. Com mais fôlego e com mais trânsito no Planalto, o líder na Câmara, Aécio Neves (MG), conseguiu criar um bloco com o PTB, aumentando seu cacife para a sucessão da presidência da Câmara.

Na Esplanada dos Ministérios, o PSDB já comanda duas áreas consideradas essenciais para dourar o discurso de combate às desigualdades sociais: Educação, com o ministro Paulo Renato de Souza; e Saúde, com o ministro José Serra.

O PSDB tem 900 mil filiados, 1.160 prefeitos, 10 mil vereadores, 151 deputados estaduais, 104 deputados federais, 14 senadores e cinco governadores.

Um novo programa partidário está em gestação para impulsionar a campanha à sucessão de Fernando Henrique. A ideia é manter a defesa do parlamentarismo, mas só para 2006, e atualizar o texto de 1988 para reforçar as teses da social-democracia. A sucessão presidencial é um dilema.

Para definir o nome de outro tucano para o Palácio do Planalto em 2002, será preciso administrar disputas internas no poço de vaidades que é o PSDB. A escolha é que será difícil. Entre os governadores, destacam-se Mário Covas

(SP) e Tasso Jereissati (CE). A favor de Tasso pesa o fato de ser um administrador experiente e discreto. Seu nome permitiria a reprodução da aliança com o PFL (hoje é contra uma aliança com o PMDB), anularia a candidatura de Ciro Gomes -seu eterno aliado- e desbancaria o poderio paulista. Pragmático, o governador do Ceará mantém seu estilo de não se mobilizar abertamente, mas aguardar sua chance. Outros arriscam prever que Tasso estaria apostando no fracasso do governo e seu destino seria apoiar mesmo o candidato do PPS, Ciro Gomes.

Atualmente, está estremecido com Fernando Henrique, tanto que na quarta-feira passada esteve no Palácio do Planalto com o ministro Pedro Parente, do Gabinete Civil, e não conversou com Fernando Henrique. Em outras ocasiões, isso seria impossível. Alguns acham, contudo, que o candidato do PSDB sairá do governo. Estão no páreo os ministros José Serra e Paulo Renato.

